

POLÍTICA, IDENTIDADE E TEATRO – ENTREVISTA COM RODRIGO GARCÍA

*Ananola Santana**

*Tradução: Jacqueline Pinzon***

Resumo

Rodrigo García ocupa lugar de destaque nas artes cênicas contemporâneas, mesclando diferentes expressões, tais como a performance art, as mídias tecnológicas ou a dança. Nascido na Argentina e radicado na Espanha, a partir dos anos noventa o dramaturgo e encenador passa a construir carreira internacional, participando dos principais festivais de teatro da Europa. García é reconhecido por suas montagens iconoclastas que problematizam valores éticos vigentes, com ênfase nas relações de poder, onde a violência submete e expõe corpos humanos e animais, criando passagens imagéticas de forte impacto. Nesta entrevista, realizada em 2008, o encenador comenta acerca de sua metodologia de trabalho, da importância política deste e dos efeitos que suas peças costumam despertar em suas plateias.

Palavras-chave: Rodrigo García; Encenação Contemporânea; Teatro Espanhol Atual

Abstract

Rodrigo García is a highly regarded name in the contemporary scenic arts, his work employing different languages, such as the performance art, technological media and dance. Born in Argentina and living in Spain, this playwright and theatre director has built an international career due to his participation in the main theatre festivals in Europe. García is acknowledged due to his iconoclastic stagings which confront established ethical values, focusing on relations of power in which violence submits and exposes human and animal bodies, thus creating impacting imagetic sequences. In this interview made in 2008, this director comments about his working methodology, the political significance of his stagings, as well as the effects which those works tend to exert upon the audiences.

Key-words: Rodrigo García; Contemporary Staging; Contemporary Spanish Theatre

* Professora Assistente da University of California Irvine. Fresno, Estados Unidos.

** Tradutora. Mestre em Artes Cênicas pela UFRGS. RS. Brasil. E-mail: jacquelinepinzon@gmail.com

Ainda que tenha nascido na Argentina, o diretor e dramaturgo Rodrigo García fundou na Espanha o grupo La Carnicería Teatro (1986), em torno do qual reuniu artistas de diferentes procedências. Tais criadores são conhecidos como *lesenfanterribles* do teatro espanhol, devido a seu desejo de experimentarem com temas e formas controversas para os parâmetros do teatro tradicional. Este jogo com a expressão teatral relaciona-se com a intenção de García de conduzir o espectador a um sentido quase brechtiano, tratando não apenas de diverti-lo, mas de levá-lo a uma reflexão através de um teatro profundamente contestador e socialmente comprometido. Nesta entrevista, realizada em 2008, por ocasião do XIII Festival Ibero Americano de Teatro em Cádiz, cidade ao sul da Espanha, García fala sobre suas provocações ao público e de como seu teatro vem se transformando ao longo do tempo*.

Cena: Como se caracteriza o coletivo La Carnicería Teatro?**

Rodrigo García: Bem, pra começar, o Carnicería nunca existiu como grupo, isso é uma coisa que nunca me interessou. Não me interessa ter uma equipe fixa de trabalho. Eu percebo como funcionam os grupos estáveis, às vezes há coisas boas com pessoas compartilhando um projeto comum, mas pode haver também muitas limitações como, por exemplo, ter que criar sempre para os mesmos atores, há muitos condicionantes. Eu sempre quis trabalhar completamente livre. Neste caso, chamei de Carnicería por ter que chamar o grupo de alguma maneira. Eu usei este nome irônico porque meus pais eram donos de um açougue na Argentina e desejavam que eu me tornasse açougueiro, continuando os negócios da família. Então, como forma de ironia nomeei a companhia desta maneira, é apenas isso. Sem dúvida o mais importante é ressaltar o seguinte: eu nunca tive um sentimento de grupo, claro que se gerou um número de fiéis, digamos assim, de pessoas que compartilham de uma mesma linguagem. Mas o importante é que isso se deu de maneira natural e desse modo vai se repetindo no percurso de minha obra. Juan Oriente, por exemplo, que neste momento é quase como um símbolo de minhas criações, é um ator muito importante nas minhas últimas dez ou doze obras. No entanto, ele é alguém que passou a trabalhar comigo bem mais tarde. Ou seja, ele começou a trabalhar comigo em 1999, quando a companhia já tinha mais de dez anos trabalhando com outras pessoas. Neste momento, tenho um grupo de atores que são basicamente os mesmos, os quais vão se repetindo. Às vezes é bom trabalhar com uns, às vezes com outros, depende de cada projeto, o que me dá muita liberdade. Isto não acontece somente com os atores, mas também com os iluminadores. [Carlos] Marquerie criou em torno de oitenta por cento da iluminação das minhas peças. Ele é muito importante porque, para mim, a luz não é simplesmente uma coisa a mais, ela dá o acabamento à obra. Carlos imprime uma atmosfera para cada uma de suas criações, e eu confio muito nele pois compartilhamos muitas referências de pintura clássica, e isso é importante na hora de iluminar. Eu dou a Carlos liberdade total, não interfiro em nada em relação à iluminação.

* Edição original em espanhol de: *Política, Identidad y Teatro: Entrevista a Rodrigo García*. In: DAVILLA, G.; HODGE, P. J.; VILLEGAS-SILVA, C. (ed.). *Cartografía Teatral: los Escenarios de Cádiz en el FIT 2008*. Ediciones Electrónicas de GESTOS. Irvine: UCI, 2008. Disponível em: <http://www.hnet.uci.edu/gestos/GESTOS%20ONLINE/18-GESTOSONL-Santana.pdf>

** *Carnicería*, em espanhol, refere-se ao local onde se vendem carnes para o consumo, ou seja, um açougue, mas também pode remeter à ideia de carnificina. Deste modo, *La Carnicería Teatro* pode tanto ser traduzido como *Teatro Açougue* ou ser entendido como *Teatro da Carnificina*. Por tratar-se de nome próprio é sempre citado no original. [NT]

Cena: Você é um argentino radicado na Espanha, no entanto seu grupo é majoritariamente reconhecido como espanhol. Qual é o impacto que tem para você como diretor, este cruzamento Argentina-Espanha, e como estas diferentes nacionalidades afetam a temática de seus espetáculos?

Rodrigo García: Eu tenho 44 anos^{***}, e vivi metade destes na Argentina e os outros vinte e dois anos vivi na Espanha, então sou formado através de uma mistura total e absoluta. Para os psicanalistas serão mais importantes os vinte e dois primeiros anos, devido às experiências da infância e todos os itens relativos à formação. Mas, por outro lado, todo meu trabalho profissional se desenvolveu na Espanha. É claro que na Argentina eu tinha uma paixão pelo teatro, mas isso se dava como público, como espectador. Eu era muito bom espectador de teatro e sonhava poder em algum momento dedicar-me a este ofício, era uma inquietude que me acompanhava. Porém, enquanto vivia por lá não produzi nada em teatro profissional. Tudo que criei profissionalmente ocorreu na Espanha. Em relação aos conteúdos de minha obra, claro que é muito importante ter nascido e vivido metade de minha vida na Argentina e a outra metade na Europa. Afinal, meu trabalho se nutre muito disso tudo: da denúncia. Ou melhor, do comentário das desigualdades, da disparidade de oportunidades e dos diferentes modos de atribuir valor à vida. Por vezes, parece que a vida não vale nada na América Latina, e você pode levar um tiro na rua simplesmente para que roubem seu relógio. Ao passo que na Europa, a vida vale muito mais. Acontecem estas coisas tristes e tão terríveis como o fato de sobrar comida em um lugar e faltar alimentos em outro. São estes dois polos entre o primeiro e o terceiro mundo que conheço bem por ter vivido nos dois, e por certo que meu teatro se alimenta disso.

Cena: Neste sentido, por exemplo, “La Historia de Ronald, El Payaso de McDonald’s” (2002) me parece ser uma obra que opera com códigos bastante argentinos.

Rodrigo García: Bem, em “Ronald...” há um pouco de tudo, não é? No entanto, há um momento no qual ocorre uma denúncia direta e explícita, com nomes e sobrenomes relacionados à tortura durante o período da ditadura na Argentina. Há também um texto solo no final, dito por Juan [Lorient], no qual a oligarquia da época é citada. De fato, não se pode esquecer que se os militares estiveram onde estiveram porque estavam respaldados pelo dinheiro de uma oligarquia argentina, a qual evidentemente correspondia aos interesses dos Estados Unidos.

Cena: A partir desta perspectiva, para você quais são as temáticas ou preocupações principais que compõem suas obras?

Rodrigo García: Eu nunca desenvolvo apenas um assunto em meus trabalhos, não tenho a capacidade e nem tampouco me interessa contar uma história. Afinal, sempre que crio uma obra estou falando das preocupações que tenho neste momento. Espetáculos como “Ronald...” ou “IKEA...” [Compré una pala en IKEA para cavar mi tumba (2002)^{****}], podem ser vistos como furiosos e anticapitalistas. É como uma luta para restabelecer outros valores éticos, como compreender o valor do ócio, que para mim é muito importante. Refiro-me ao ócio visto como algo que pode ser elevado, que pode ser associado à leitura, à reflexão, à convivência, ao intercâmbio intelectual. Não me refiro ao ócio na forma de entretenimento vulgar de consumo num

^{***} Esta entrevista foi realizada em 2008. García nasceu em 1964 e atualmente está com 48 anos de idade.

^{****} Traduzido livremente como *Comprei Uma Pá na IKEA Para Cavar Minha Cova*. IKEA é uma rede de lojas de origem sueca presente na Europa, Oceania, Estados Unidos, Canadá e Oriente Médio, na qual se encontram móveis e utensílios domésticos de baixo custo.

supermercado, ou o lixo oriundo do cinema comercial. Ao passo que uma obra minha como *Versus* (2008), vista ontem [no Festival de Cádiz 2008], já aparece como um teatro que está se tornando mais intimista. São preocupações mais universais como o amor, a dificuldade da vida a dois, a consciência de que se morre sozinho, este tipo de indagações. Mas claro que sempre as elaboro para que estas questões estejam imersas numa perspectiva social. Falo da problemática da existência, mas do ponto de vista de um indivíduo que vive em uma sociedade.

Cena: Você acredita que em seu teatro há uma tentativa consciente de estabelecer uma ética do compromisso pessoal do espectador?

Rodrigo García: Sim, eu procuro mostrar em cena outras realidades que não são as habituais. Isto de se dizer que o teatro é um espelho da realidade não me interessa. Para mim o teatro tem que mostrar outras realidades, outras formas, sobretudo mostrar realidades associadas a uma maior liberdade. Todos vivemos com tão pouca liberdade que não nos permitimos muitas coisas como gritar, cantar, se jogar no chão. Existe uma infinidade de atos, os quais não nos autorizaram, mas que são coisas humanas. Às vezes eu gostaria mesmo é que o espectador sentisse inveja e pensasse: "Eu adoraria estar fazendo o que esta gente faz no palco"; ou ainda, "Que sugestivo o despudoramento disto, isso me interessa muito". Procuro exibir situações que se relacionam com o pudor ou a falta dele. Tento mostrar coisas impudicas em cena como sendo uma possibilidade, como condutas possíveis que autocensuramos ou então fazemos às escondidas. Contudo sei que, ao invés disso, o público também pode rechaçar, pois existem plateias que fazem isso. Quem sabe um outro espectador pode baixar a persiana e dizer: "Olha, isso não me interessa, não sei sobre o que estão falando, tudo isso me cansa e vou embora." Esse é o risco que corre quem tem propostas como as minhas. Eu assumo este risco.

Cena: Você acha correto dizer que em suas obras existe um eixo temático em torno do sofrimento, seja ele do próprio indivíduo ou do outro?

Rodrigo García: Desde a adolescência eu sempre li muita filosofia niilista. Eu era apaixonado por tudo que se relacionava com o pessimismo ou o niilismo, eram correntes filosóficas que me interessavam e me marcaram. O mesmo acontecia com a visão cristã da vida como um lugar de sofrimento e não como um jardim de rosas. Mas, diferentemente dos cristãos, eu não creio em outra vida, em uma vida feliz depois da morte. Eu creio que os poucos momentos de felicidade, ou pelo menos de anulação do infortúnio da dor, temos que obtê-los na terra, e cada um tem o compromisso de fazê-lo por si próprio. Ou seja, há pessoas que serão mais felizes embebedando-se com amigos num bar, já outra encontra momentos felizes na leitura, no aconchego de sua casa ou mesmo dando um passeio pelo campo. Mas acho que sim, que meu teatro sempre aponta os momentos de dor e os momentos de tristeza, mas talvez o fato de mostrá-los seja positivo. Quem sabe falando destes assuntos, estamos dizendo para as pessoas: "Bem, isto existe, mas se você se esforçar pode fazer algo para solucioná-lo." Eu acredito que falar dos problemas é uma atitude positiva, e não negativa.

Cena: Mas como você dá conta do fato de que esta dor ser consumida, ou seja, você representa o sofrimento alheio, como por exemplo em “La História de Ronald el Payaso ...’ (2002), espetáculo no qual há uma grande ênfase na tortura. Como você enfrenta a questão de que, enquanto espectadores, estamos “consumindo” o sofrimento do outro como entretenimento teatral?

Rodrigo García: Bem, quando eu faço teatro eu mostro a representação do sofrimento como uma ficção, sobretudo quando são palavras, são apenas palavras. Quando existem corpos que realmente estão passando mal, como em “Ronald...”, onde há atores que durante a primeira parte da encenação se jogam no chão, revolvendo seus corpos no leite, no vinho, na água, e fluidos de todos os tipos e tal, não deixa de ser uma representação e, no final das contas, é uma simples coreografia. Claro que eu espero que esta obra tenha um alcance poético e alusivo, que evoque um mundo de opressão e tortura. Bem, este é meu material poético, e eu tenho que representá-lo dessa maneira. Agora, que isso imediatamente se converta em objeto de consumo, uma vez que as pessoas pagam suas entradas no espetáculo, pois bem, é sobre isso que tenho que falar. Também acho melhor mostrar desta forma do que como na televisão, onde há um monte de gente levando tiros e morrendo aos montes como se fossem sacos de batata, parecendo como se a morte não possuísse um significado.

Cena: A palavra aparece em seus espetáculos de diferentes maneiras. Como você vê a função da linguagem em suas montagens teatrais?

Rodrigo García: A linguagem é tudo. A linguagem para mim é o que construo no teatro com as luzes, os movimentos e etc. Mas falando somente acerca do viés literário, eu dou muita importância para esse item. Pra começar, eu tenho uma formação baseada no teatro do absurdo, pois quando eu era garoto o absurdo era moeda corrente na Argentina. Eu considero o teatro do absurdo como o mundo da incomunicação e nestas obras, embora existam diálogos, são diálogos de surdos onde cada um está em seu próprio universo. Tudo isso me toca muito e é uma constante em minha obra: o que se vê são quase sempre monólogos, e quando há diálogos, na realidade as pessoas não se respondem. Porém, esta escolha reflete igualmente uma atitude filosófica, como já lhe disse, de ser consciente de que morremos sozinhos. Se morremos assim é por que vivemos sós, e o fato de durante a vida nos associarmos a outras pessoas, para mim é como uma ilusão. É uma autêntica fantasia para a qual não existe remédio, existe para esquecermos que no fundo estamos sós. Assim há uma série de questões formais, como nos textos que por vezes disponho sobre o cenário ou projeto escritos no telão. Quero que o público tenha uma relação direta com a literatura, ou seja, visto estabelecer uma coisa íntima entre o autor e o espectador que passa a agir como um leitor. Isso é inusitado por que não se vai ao teatro para ler, se vai para escutar aos atores dizendo seus textos. Assim, eu gosto de romper com isso e levar o público a ter outra relação com a literatura no teatro, me preocupo com isso. Sempre me pareceu falso e antiquado que os atores tenham que estudar um texto de memória e repeti-lo como papagaios, então tento fazer estas combinações, vou distribuindo os textos como posso.

Cena: E em seu trabalho técnico, como você chega à construção destes textos?

Rodrigo García: Através dos sonhos. Por que isto é algo que o corpo vai pedindo e então você vai gerando sua própria narrativa e, de modo gradual, vai encontrando os recursos. A maneira como eu ensaio com os atores, eu primeiro construo as ações, eu nunca vou direto para

o texto. Desse modo trabalhamos ações, ações e ações. Mais tarde, costumo dizer “para esta ação vou usar este texto”. Mas, isto tudo é uma coisa muito intuitiva.

Cena: E este texto também nasce dos atores?

Rodrigo García: Não, nunca. O texto nunca nasce dos atores. Eu sempre vou escrevendo o texto em paralelo com o que quero das ações e movimentações junto aos atores.

Cena: Muitas vezes nos seus espetáculos você reconstrói imagens associadas aos signos do consumo e da tecnologia aos quais você acrescenta elementos de cunho escatológico. Qual é o sentido da escatologia em sua obra?

Rodrigo García: Eu gosto de trabalhar com materiais que gerem sujeira. Claro que há um sentido nisso. Nunca se trabalha com estes elementos no teatro, e o mero fato de empregar este expediente no teatro me serve para chamar a atenção do espectador, para que ele fique atento a isso. De certo que existem coisas terríveis, em “IKEA...”, por exemplo, há uma cena onde os atores introduzem comida pelo próprio traseiro, colocando o prato de comida numa cadeira e sentando-se sobre ele, parecendo, assim, que inserem a comida em seus próprios ânus, obviamente isso não acontece de verdade. É algo que me lembra muito um filme do [Luis] Buñuel *O Fantasma da Liberdade* (1974), no qual há uma cena parecida onde estão pessoas muito elegantes, burgueses que se sentam para comer. Mas seus assentos são o próprio vaso sanitário, [no filme os personagens] sentam-se para excretar o que estão comendo. Eu faço uma espécie de processo inverso, introduzir a comida por trás, ao invés de pô-la na boca. Eu gosto de trabalhar com elementos que sujam o corpo dos atores, me agrada ver seus corpos manchados, desvirtuados, como se fossem um outro tipo de material. Gosto disso como uma questão plástica, um conteúdo bastante forte em uma civilização tão clean. Como vivemos numa sociedade tão higiênica, me parece bom mostrar o corpo sujo e recorrer ao escatológico como possibilidade poética. O sujo também possui sua beleza. Apresento ideias como a perversão, questionando onde termina a normalidade e começa o perverso. Mas é o real, não estamos mostrando nada que não exista na vida. Sobretudo podemos agir assim uma vez que na arte, por sorte, existiu Marcel Duchamp e outros indivíduos que nos deram a liberdade de fazer isso. São estas pessoas que nos abriram a porta para dizer “cuidado, a arte fala da vida e a vida não é feita apenas de coisas bonitas.”

Cena: Neste sentido é bastante surpreendente que na apresentação da noite passada [espetáculo *Versus*, no Festival de Cádiz 2008], as pessoas se levantavam e saíam do teatro reclamando que o espetáculo era muito nojento. Como de fato aconteceu na cena do ator urinando [sobre o corpo de sua colega em cena] e no momento do coelho vivo posto dentro do microondas. Por que na verdade, a exploração dos limites da arte não é uma novidade, como você apontou, é uma ideia bastante antiga.

Rodrigo García: Toda a passagem do coelho é apenas uma brincadeira infantil, é uma bobagem enorme. Existem pessoas que confundem ficção e realidade de um modo tal que pensam que vamos colocar de verdade o coelho no microondas. Isto é apenas uma piada. Além do mais, um outro ator está injetando fumaça na cena. É tudo mentira, é uma coisa pueril.

Cena: Podemos compreender a cultura de massas como algo associado à expansão dos meios de comunicação, no sentido de serem produtos culturais que se desenvolvem no interior dos discursos do poder, criados especialmente para serem consumidos. Nesta perspectiva, qual seria o significado da cultura de massas na expressão visual de sua obra?

Rodrigo García: Bem, acho que é dessa forma que as empresas querem que enxerguemos, interpretemos e consumamos, no entanto, nós artistas, temos que tornar público que existe um outro lado.

Cena: Então, seria correto dizer que em sua obra há uma denúncia sócio-política destas imagens?

Rodrigo García: Não, o que existe é um complemento. Minha obra como artista é um complemento. Por um lado se está recebendo toda esta banalização a qual você chama de cultura de massas. Mas por outro lado, há um tipo de teatro como o meu, ou um certo tipo de cinema e artes visuais onde se encontram outros pontos de vista da realidade, os quais são complementares e dizem que nem tudo é apenas de uma só maneira. De fato, a realidade não é exclusivamente como aparece na televisão. É uma pena que a televisão não seja utilizada para outros fins, pois é um meio que deveria por excelência, ter uma missão educativa e formativa. Esse é um grande problema neste século: a televisão não é aproveitada como deveria ser. A TV poderia ser maravilhosa para educar e, no entanto, é usada para o contrário.

Cena: Para finalizar, em seu mais recente espetáculo, *Versus*, a música volta a fazer parte central da cena...

Rodrigo García: Sim, há uma dupla de punkrock, elas são de Astúrias (Norte da Espanha), o duo se chama Chiquita e Chatarra. Eu queria trabalhar com músicos. Já faz muito tempo que me cansei de escolher trilhas vindas de discos. Uma vez que faço teatro, e a música me interessa, que ela seja gerada no próprio espetáculo. Assim como os atores criam coisas, que a música não venha de um CD, mas que também se origine de pessoas que fazem parte da cena. Entretanto, corre-se um risco, algo pode sair errado ou soar mal, mas me agrada correr estes riscos durante a apresentação. Eu já trabalhei com muitos músicos tanto de rock quanto de música erudita. Desta vez eu desejava fazer esta mistura pouco usual de juntar estas garotas do punk, com um cara que faz música eletrônica, mais dois cantores de flamenco, para ver no que dava. Eu queria trabalhar dessa forma por que sabia que isto iria mostrar um caminho para o espetáculo, que resulta numa obra muito musical. Também me interessava a presença em cena de pessoas que não são atores, são músicos. Acho inquietante ver no palco gente que se move normalmente, que não se movimenta como um ator, pois não possui seus vícios. Tudo isso chama a atenção gerando qualidades específicas, tornando uma obra peculiar.

Cena: Por outro lado, como se dá a experiência de você fazer cinema como parte de seu teatro?

Rodrigo García: Eu fiz muitos vídeos e curtas-metragens, mas sempre para inseri-los em minhas obras de teatro. O que me interessa no cinema são os criadores que admiro conceitualmente, os quais me marcaram, me influenciaram, inclusive como escritores para a tela. Artistas como [Federico] Fellini, Luis Buñuel, John Cassavetes, [Ingmar] Bergman, [Michelangelo] Antonioni, esse tipo de cineasta que tem uma visão muito particular, criadores que expressam um universo pessoal, no qual você vê algo e pensa: isto não poderia ter sido feito de outra forma.